



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Exploração e Opressões no capitalismo

O Fenômeno das *Tradwives*: expressão ideológica do capitalismo contemporâneo

GlauCIA Lelis Alves¹

Luana de Souza Siqueira²

Maíra Carvalho Pereira³

Rafael Coe Barbosa⁴

Resumo: O presente trabalho analisa o fenômeno das *tradwives* como expressão ideológica contemporânea da reconfiguração da opressão às mulheres no capitalismo. A partir da teoria social crítica marxista argumentamos que esse movimento não é uma simples tendência cultural, mas uma estratégia que reatualiza a divisão social e sexual do trabalho ao naturalizar as atividades domésticas no espaço familiar como escolha individual e não como condição fundamental para a produção e reprodução da força de trabalho. Ao ocultar as determinações materiais e subjetivas da reprodução social, a ideologia que constitui esse fenômeno contribui para a legitimação da opressão às mulheres, na mistificação das relações sociais capitalistas e na apropriação do trabalho não pago, principalmente das mulheres.

Palavras-chave: ideologia; opressão de gênero; reprodução social; *tradwives*.

The Tradwives Phenomenon: an ideological expression of contemporary capitalism

Abstract: This paper analyzes the tradwives phenomenon as a contemporary ideological expression of the reconfiguration of women's oppression under capitalism. Grounded in Marxist critical social theory, it argues that this movement is not merely a cultural trend, but a strategy that rearticulates the social and sexual division of labor by naturalizing domestic activities within the family as an individual choice rather than as a fundamental condition for the production and reproduction of labor power. By obscuring the material and subjective determinations of social reproduction, this ideology contributes to legitimizing women's oppression, mystifying capitalist social relations, and enabling the appropriation of unpaid labor, particularly that of women.

Keywords: ideology; gender oppression; social reproduction; tradwives.

¹ Professora Doutora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista da Praia Vermelha. Email: glaucialelisalves@gmail.com

² Professora Doutora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista da Praia Vermelha. Email: luanass81@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assistente Social e Mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integrante do projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista da Praia Vermelha. Bolsista FAPERJ. Email: mai.carvalho@outlook.com

⁴ Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrante do projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista da Praia Vermelha. Email: rafaelcoeb@gmail.com

1. Introdução

Este artigo parte de estudos e debates realizados no âmbito do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão da Biblioteca Feminista da Praia Vermelha, coordenado pelas professoras Glaucia Lelis e Luana Siqueira, cujo compromisso com a produção crítica não apenas fortalece a formação de discentes de Serviço Social, mas também contribui para a constituição de um espaço universitário comprometido com o enfrentamento de todas as formas de opressão e exploração.

Nesse contexto, toma-se como ponto de partida para a análise da realidade a compreensão de que a popularização da figura das *tradwives* nas redes sociais não representa um simples processo de retomada cultural de caráter vintage, mas constitui a expressão de valores conservadores nas relações de gênero, estabelecendo-se como uma forma contemporânea de atualização ideológica dos elementos que compõem a divisão social e sexual do trabalho na sociedade capitalista.

Destaca-se que o movimento *tradwife* (abreviação de *traditional wife*, ou esposa tradicional) é um fenômeno contemporâneo que emergiu com força nas redes sociais, especialmente no *TikTok* e *Instagram*, a partir de 2020. Ele é protagonizado por mulheres jovens que utilizam plataformas digitais para compartilhar um estilo de vida centrado na abdicação de carreiras profissionais em favor da dedicação exclusiva ao cuidado do lar, dos filhos e do marido. Visualmente, o movimento se retrata por uma estética nostálgica que remete às donas de casa das décadas de 1940 e 1950, expressa em vestimentas ultra-femininas, posturas submissas e a exibição de tarefas domésticas manuais e artesanais, como a panificação e a preparação de refeições complexas.

Sob a promessa de “retorno à ordem natural”, as participantes defendem a divisão rígida de papéis de gênero, na qual o homem assume o papel de provedor e autoridade máxima, enquanto a mulher ocupa a esfera privada, responsabilizando-se pela harmonia familiar e pela preservação de padrões estéticos específicos. Essa tendência tem sido criticada por mascarar, sob um filtro de beleza e serenidade, o reforço da estrutura machista, patriarcal e a crescente articulação com ideologias políticas conservadoras que buscam desmantelar conquistas sociais das últimas décadas.

Para desvelar essa dinâmica, inicialmente abordamos as formulações de Marx acerca do conceito de ideologia, o que nos ajudará na compreensão dos mecanismos ideológicos de mistificação da realidade concreta. Em um segundo momento,

discutiremos como as relações de gênero não são naturais, mas historicamente construídas, de modo a garantir que as relações sociais se conformem de acordo com os interesses da dinâmica dos modos de produção, em particular no capitalista.

Nesse sentido, partimos do pressuposto que o fenômeno das *tradwives* não se estabelece como uma ingênua e saudosista retomada da moda vintage ou escolha por um estilo de vida passado, mas como uma expressão ideológica de subordinação das mulheres nas relações sociais contemporâneas. Portanto, esse fenômeno que se apresenta na aparência como expressão cultural e subjetiva – como uma escolha individual e livre –, constitui, em sua essência, a partir de mediações fundamentais, como um conjunto de mecanismos que incidem e reforçam a manutenção do trabalho não remunerado das mulheres na esfera da reprodução social. Repondo a subordinação feminina ao trabalho doméstico e assegurando a renovação cotidiana e geracional do exército industrial ativo (EIA) e de exército industrial de reserva (EIR) fundamentais à dinâmica capitalista de produção.

2. Ideologia em Marx: forma necessária da reprodução das relações sociais capitalistas

Para esta discussão parece-nos imprescindível retomar algumas formulações de Marx acerca da exploração da força de trabalho e da importância da ideologia nesse processo. Compreende-se a ideologia como um meio de garantia das relações materiais de produção, na medida em que opera como uma *forma invertida da realidade*, ocultando as contradições sociais e legitimando a dominação de classe. A partir dessa concepção, a ideologia assume um *caráter ativo*, atuando dialeticamente na organização das relações sociais, de modo a assegurar a reprodução dos interesses da classe dominante.

Segundo Marx, a sociedade burguesa tem em seu processo produtivo uma dinâmica em que todo o valor produzido é apropriado de forma privada, ainda que o trabalhador – vendedor de sua força de trabalho – despenda sua energia vital em troca de um salário destinado à sua subsistência. O capitalista, por sua vez, enquanto comprador dessa força de trabalho, orienta o processo produtivo à geração de valor, por meio da extração de trabalho excedente, condição para a realização da mais-valia (MARX, 2017).

A partir de seus estudos político-econômicos, Marx (2008) demonstra que, para garantir os meios materiais de subsistência, os trabalhadores se inserem em uma produção social que não foi por eles determinada, sendo parte de uma estrutura

econômica constituída pelas relações de produção próprias da ordem capitalista. Ao apreender essa totalidade, o autor explicita que as relações de produção conformam uma estrutura concreta que se articula a uma dimensão superestrutural – jurídica e política – responsável pela sustentação das relações sociais, incidindo diretamente sobre a organização da consciência. Segundo o autor: “O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47).

As formas de consciência, resultantes da relação dialeticamente contraditória entre as relações de produção e as relações sociais, constituem produtos de um determinado processo histórico, momento em que se desenvolvem as formas superestruturais que organizam a vida social de uma época, como as esferas jurídica, política, artística, religiosa, filosófica, dentre outras. Este é um ponto central para a compreensão que buscamos desenvolver: não é a consciência que determina a vida, mas, ao contrário, é a vida social que determina a consciência. Por isso, é fundamental considerar que a ideologia não constitui uma forma abstrata ou meramente ilusória, mas está materialmente situada na história, operando no sentido de encobrir as contradições sociais que estruturam o modo de produção capitalista.

Assim, Marx e Engels (2007) demonstram que a ideologia é um mecanismo que contribui para a dominação ao organizar a divisão social do trabalho na sociedade de classes. Portanto, a ideologia é parte fundamental da constituição das relações concretas da vida, na medida em que permite o estabelecimento de determinações sociais que conformam a consciência. A ideologia transverte – “de cabeça para baixo, como numa câmara escura” – os sentidos da vida social, obscurecendo as determinações reais, o que não significa que não parta dos processos históricos da vida material (MARX; ENGELS, 2007, p. 96).

Nesse sentido, a divisão social do trabalho na sociedade burguesa se estrutura de modo articulado a formas ideológicas que obscurecem a relação contraditória entre produção e reprodução social, uma vez que a intensidade da exploração à qual a classe trabalhadora é submetida é determinada por sua inserção na estrutura produtiva, na qual cada função estabelece níveis diferenciados de remuneração e formas de acesso ao consumo necessário à subsistência.

Diante disso, as formas ideológicas, apresentadas no cotidiano como valores morais e/ou filosóficos universalizados e naturalizados, constituem expressões da produção de ideias que visam organizar as relações sociais que integram o processo produtivo, de modo a assegurar o controle da força de trabalho capaz de gerar mais-valia. Para tanto, a classe dominante conta com o Estado e outras instituições da superestrutura, que mediam as relações de dominação ao encobrir interesses particulares sob a forma de interesses universais da sociedade. Dessa feita, as formas ideológicas se fazem presentes nas relações sociais – políticas e econômicas – de modo a obscurecer o caráter de dominação que as sustenta.

Ao considerarmos a centralidade da reprodução social para a dinâmica da produção capitalista, percebemos a intrínseca relação entre produção e reprodução, o que permite compreender o caráter estrutural e estruturante da opressão das mulheres. Com isso, afirmamos que, na sociedade burguesa – em que a exploração da força de trabalho constitui elemento fundamental para a acumulação de capital –, a própria classe trabalhadora é produzida na esfera reprodutiva. A reprodução geracional e a renovação cotidiana da força de trabalho ocorrem no espaço familiar, por meio do trabalho invisibilizado das mulheres na realização de atividades que sustentam a vida cotidiana.

Segundo Vogel (2022), essa função reprodutiva desempenhada pelas mulheres no interior da unidade familiar constitui a base sociomaterial da opressão do gênero feminino na sociedade capitalista. Nas classes subordinadas, a família constitui o espaço central de manutenção e reprodução da força de trabalho, em que a opressão às mulheres decorre de seu papel nesses processos, tanto na reprodução quanto na produção, estando, em última instância, ancorada em bases materiais.

Tendo em vista essa estreita relação entre produção e reprodução, a dinâmica da produção capitalista depende diretamente da renovação cotidiana e geracional da força de trabalho, realizada no âmbito da família, dimensão historicamente organizada por formas ideológicas que confinam as mulheres a esse trabalho, sem explicitar sua centralidade para a reprodução do próprio sistema.

A partir de Alves e Siqueira (2020), torna-se relevante destacar que, mesmo quando as mulheres reduzem parte do tempo despendido na esfera reprodutiva por meio do acesso a bens e serviços – decorrente do recebimento de salário em razão de sua inserção na esfera produtiva – a desigualdade na distribuição do trabalho familiar entre

os gêneros permanece inalterada. Ou seja, independentemente da inserção das mulheres na esfera produtiva, sua jornada de trabalho não remunerado no âmbito familiar não se reduz, uma vez que continuam a desempenhar uma carga significativamente superior de atividades de reprodução social. “Essa dinâmica tem sido amplamente atribuída à discriminação e aos estereótipos tradicionais de gênero na atribuição do trabalho e em suas respectivas valorizações sociais” (ALVES; SIQUEIRA, 2020, p. 172).

Assim, a opressão das mulheres é continuamente renovada em termos ideológicos ao longo da história, uma vez que a relevância social de seu trabalho precisa ser encoberta sob a forma de disposições naturais, como cuidado e amor à família, de modo a assegurar que continue sendo realizado sem custos diretos para o capital.

3. *Tradwives*: a reatualização ideológica da opressão das mulheres

A sociedade contemporânea é resultado de um processo histórico que deriva da ultrapassagem das sociedades naturais para a era da civilização. A partir da obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Friedrich Engels (2019) ressalta que ocorreu uma transição entre o direito materno e o direito paterno, não sendo possível determinar com precisão o momento exato, mas indica que os vestígios históricos apontam para sua vinculação à dinâmica de acúmulo de riqueza individual. Assim, “[...] a derrubada do direito materno representou a derrota do sexo feminino no plano da história mundial” (ENGELS, 2019, p. 60). Segundo o autor, a sociedade capitalista é fundada na centralidade da propriedade privada e no acúmulo de riquezas, marcada por interesses sociais antagônicos. Engels (2019, p. 68) é contundente ao afirmar que “o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe coincide com a do sexo feminino pelo masculino”.

Mesmo na sociedade moderna, profundamente distinta das formações sociais pretéritas, persistem perspectivas tradicionalistas que buscam fundamentar a submissão das mulheres por meio de argumentos religiosos ou da ideia de que essa condição seria natural, universal e estabelecida por Deus. Tal perspectiva, ancorada em uma tradição que não se sustenta nas condições materiais da sociedade contemporânea, defende a perpetuação da sobrevivência humana por meio de uma divisão sexual do trabalho em moldes de organizações sociais pretéritas (LERNER, 2019).

Ao mobilizarmos elementos históricos da subalternização de mulheres, torna-se possível compreender que a opressão feminina constitui base fundamental para o desenvolvimento da dinâmica capitalista. Segundo Pereira (2025), a despeito dos avanços sociais, das mudanças culturais e do desenvolvimento tecnológico, a opressão feminina não apenas se perpetua, mas se reorganiza de modo a atender à lógica de acumulação de capital. A subalternização das mulheres na sociedade moderna, embora mantenha elementos historicamente constituídos, sustenta-se, sobretudo, na separação entre as esferas produtiva e reprodutiva, na medida em que a primeira se apresenta como geradora de valor, enquanto a segunda se estrutura a partir desse valor para garantir a reprodução da vida.

Diante desse quadro, torna-se possível compreender que tais formulações não se restringem a resquícios de formas sociais pretéritas, mas se atualizam continuamente no interior do capitalismo contemporâneo, assumindo novas configurações ideológicas compatíveis com as transformações nas formas de produção e reprodução social. Em um contexto marcado pela intensificação da exploração do trabalho, pela precarização das condições de vida e pelas dificuldades da reprodução social, observa-se a reemergência de elementos conservadores em discursos que reafirmam a centralidade da família patriarcal e da divisão social e sexual do trabalho entre homens e mulheres como formas “naturais” e desejáveis de organização da vida social, como a popularização do fenômeno das *tradwives*.

Seguindo essa linha de raciocínio, para Bhattacharya (2023), o capitalismo tem na força de trabalho uma “mercadoria especial”, sendo a única capaz de gerar valor. As mulheres desempenham papel central na produção dessa mercadoria, na medida em que a reprodução da força de trabalho – isto é, a produção de sujeitos capazes de integrar o processo produtivo – não se origina na esfera produtiva. Por isso, a família se configura como a principal esfera de organização da produção e reprodução da força de trabalho, na qual se realiza a manutenção cotidiana e geracional dos trabalhadores por meio do dispêndio contínuo de trabalho, majoritariamente feminino, envolvendo tanto o cuidado material quanto o cuidado psíquico de seus membros. É nesse processo que se fundamenta a opressão das mulheres, uma vez que a centralidade desse trabalho permanece invisibilizada, apesar de sua importância social para a dinâmica de acumulação capitalista.

A partir dessas análises entendemos que a popularização midiática das *tradwives* insere-se no contexto das transformações no mundo do trabalho, da precarização das relações sociais na contemporaneidade, da atuação estatal cada vez mais alinhada à agenda neoliberal e fiel às necessidades de acumulação do capital, com políticas públicas voltadas à responsabilização familiar e individual pela reprodução social. Nesse cenário, o neoliberalismo⁵ se consolida como uma orientação política e econômica hegemônica. Assim, não apenas organiza as condições econômicas, mas também mobiliza um aparato social e midiático capaz de assegurar a primazia do lucro em detrimento de condições dignas de vida. As redes sociais passam a ser um espaço de disputa de hegemonia.

Na teoria gramsciana, a hegemonia não é exercida apenas pela força (Estado-coerção), mas principalmente pelo consenso construído na Sociedade Civil. Esta última é composta pelo que Gramsci chama de “aparelhos privados de hegemonia”: organizações como igrejas, escolas, jornais e, na contemporaneidade, as plataformas de redes sociais (COUTINHO, 1999).

Nos Cadernos do Cárcere, Gramsci⁶ (COUTINHO, 1999) explica que a classe dominante mantém seu poder através de uma “direção intelectual e moral”. As redes sociais (TikTok, Instagram) funcionam hoje como as trincheiras dessa guerra de movimento e de posição. Elas não são ferramentas neutras; são espaços onde se difunde uma visão de mundo que serve aos interesses de determinados grupos sociais. O autor ainda destaca como a superestrutura organiza as massas e cria o “terreno” no qual os homens se movimentam e adquirem consciência.

Ao postar vídeos sobre a “submissão bíblica” ou a “beleza do lar”, essas mulheres estão organizando a cultura de uma nova direita. Elas traduzem conceitos políticos complexos em práticas cotidianas (receitas, vestimentas), tornando o pensamento

⁵ Segundo Anderson (1995), o neoliberalismo constitui não apenas um modelo econômico, mas também uma forma de regulação das relações entre o Estado e a sociedade. Com maior visibilidade a partir da década de 1970, o neoliberalismo tem como uma de suas principais estratégias a recuperação das taxas de lucro por meio de uma reorganização do Estado, orientada ao enfrentamento do Estado de bem-estar social e à redução dos gastos sociais. Nesse sentido, a estratégia para conter a crise consistiria em “manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas” (ANDERSON, 1995, p. 10).

⁶ Partindo dos estudos gramscianos, essas influenciadoras *tradwives* podem ser interpretadas como intelectuais orgânicas de um projeto conservador aliado aos *Red Pills*, e outras manifestações masculinistas. Segundo Gramsci, o intelectual não é apenas o acadêmico, mas aquele que exerce a função de organizar a cultura e o consenso.

reacionário senso comum⁷. O movimento *tradwife* opera sobre o senso comum patriarcal, reativando preconceitos latentes para combater a hegemonia feminista. As redes sociais, como aparelhos privados de hegemonia, utilizam algoritmos para criar “bolhas” que reforçam esse senso comum, impedindo a visão crítica e apresentando a volta ao passado como uma escolha individual e libertadora⁸.

O discurso *tradwife* apropria-se de termos como “autocuidado” e “liberdade de escolha” (típicos do feminismo liberal) para restaurar a ordem patriarcal e a divisão sexual do trabalho necessária ao capital, sem que haja um confronto direto, mas sim uma “modernização” do arcaico. Em um contexto de precarização generalizada da vida e perdas substantivas dos direitos sociais por parte da classe trabalhadora, as *tradwives* associam a dependência econômica em relação ao marido como um privilégio e a rotina exclusiva de cuidados familiares como um ideal conservador⁹ de distinção e *status* social. Dessa forma, o que se apresenta como signo de escolha individual e meritocrática é, na verdade, uma reatualização da divisão social e sexual do trabalho, na qual a responsabilização feminina pela esfera reprodutiva é reafirmada sob novas mediações ideológicas, compatíveis com as necessidades de renovação da força de trabalho e com a dinâmica do capitalismo contemporâneo de desresponsabilização do Estado na proteção social e na garantia máxima de suporte para a acumulação do Capital.

Essas novas representações, ampla e cotidianamente difundidas no meio social, constituem-se como objeto tanto de curiosidade quanto de desejo, especialmente entre as gerações mais jovens. O acesso a mercadorias¹⁰ e estilos de vida associados a classes sociais abastadas, sem a mediação do trabalho, é apresentado de forma recortada nas

⁷ Gramsci (COUTINHO, 1999) diferencia o “bom senso” do “senso comum” – este último sendo um aglomerado desagregado de ideias herdadas do passado.

⁸ Esse movimento pode ser lido como um elemento de revolução passiva. Para Gramsci, isso ocorre quando a classe dirigente absorve demandas das massas para neutralizá-las e manter a estrutura de poder.

⁹ A partir de Escorsim Netto (2013), compreende-se que o conservadorismo clássico – que orienta formas conservadoras posteriores – estrutura-se a partir de princípios fundamentais que, supostamente, garantem a manutenção da coesão social, tais como a valorização da tradição e dos costumes antigos, o apreço às hierarquias e aos ordenamentos sociais, a naturalização das estruturas de poder e a compreensão da desigualdade como elemento positivo para a manutenção da ordem social.

¹⁰ Lukács (2003) parte do capítulo I de O Capital para explicar que o fetichismo não é uma ilusão de ótica, mas uma realidade social onde as relações entre pessoas assumem a forma de relações entre coisas. O cuidado e o afeto são fetichizados: eles aparecem nas redes sociais não como trabalho humano exaustivo, mas como propriedades mágicas de certas mercadorias (o vestido vintage, a cozinha de cobre, o pão de fermentação natural). A relação social de subordinação é ocultada pelo brilho da mercadoria exposta no vídeo. O espectador não vê a exploração e a opressão, vê o “estilo de vida” – a mercadoria suprema.

redes sociais, por meio da ostentação e da glamourização do cotidiano de determinados grupos. A influência dessas figuras – marcadas por uma imagem de sucesso, pela centralidade do cuidado familiar, pela valorização de famílias numerosas e pela submissão ao marido – contribui para a construção de um imaginário no qual a suposta segurança material aparece dissociada das condições concretas que a tornam possível, reforçando a intensificação das formas de opressão.

O cenário exposto na internet com ampla circulação, segue o projeto de fragmentação da consciência e a reificação¹¹ das faculdades humanas, os sentimentos e as atividades subjetivas tornam-se “coisas” que podem ser quantificadas e vendidas. A *tradwife* transforma sua própria vida íntima, sua maternidade e sua devoção conjugal em um conteúdo digital monetizável, uma extensão da fábrica de algoritmos.

Assim, compreendemos que a ideologia da classe dominante desempenha um papel central na criação e disseminação de novas representações sociais, que, no caso da relação entre homens e mulheres, operam no sentido de organizar a vida social conforme as necessidades de exploração da força de trabalho. A subalternização das mulheres se vincula, sobretudo, à importância social do trabalho de cuidado realizado na família, conformado por concepções que reforçam a aceitação da figura do homem provedor e da organização familiar heteronormativa de base patriarcal.

Diante disso, a função da ideologia se estabelece precisamente no ocultamento dessas novas-velhas formas de opressão das mulheres, travestidas como escolha individual de delegar a terceiros a garantia de seu sustento e sobrevivência. Com um agravamento de responsabilizá-las pelo sucesso ou fracasso da família, de modo que tanto o Estado quanto os maridos ganham o bônus da isenção de responsabilidades e o capitalista ganha aliados no projeto de diminuição dos custos com a produção e a reprodução da força de trabalho. É nesse sentido que os avanços sociais, tecnológicos e científicos seguem se atualizando alinhados às formas ideológicas conservadoras conforme as necessidades do capitalismo. As novas parcelas das gerações mais jovens passam a aderir a concepções de mundo que reforçam a supremacia masculina.

¹¹ Lukács (2003) aponta que a reificação fragmenta o sujeito. A mulher *tradwife* passa a se ver através das categorias de eficiência doméstica e estética visual, perdendo a visão da totalidade social. Ela acredita estar “saindo” do sistema, mas está apenas aprofundando a lógica mercantil em camadas da vida que antes eram menos porosas ao capital.

Dessa maneira, o fenômeno das *tradwives*, disseminado pelas redes sociais, expressa a capacidade da ideologia da classe dominante de alcançar as gerações mais jovens, invisibilizando que os avanços na igualdade de gênero resultam de um árduo processo histórico de luta das gerações anteriores de mulheres pela garantia de direitos. Ao longo da história, mulheres lutaram por dignidade, proteção, igualdade salarial e pelo direito de decidir sobre suas vidas e seus corpos; no entanto, diante da disseminação dessa nova roupagem do conservadorismo, abre-se a possibilidade de retrocessos em direitos historicamente conquistados.

Por isso, sustentamos que a ideologia conservadora da classe hegemônica atua no sentido de perpetuar a opressão das mulheres, em razão da centralidade do trabalho de gestação, cuidado e educação na formação dos futuros trabalhadores a serem explorados na esfera produtiva, configurando-se como elemento estrutural da dinâmica de acumulação capitalista. Assim, a ideologia orienta a totalidade da vida social conforme os interesses da classe dominante, difundindo concepções de mundo que naturalizam a subalternização das mulheres como condição para a renovação da força de trabalho.

4. Considerações Finais

Diante do exposto, conclui-se que a ordem dominante depende da constante renovação de ideologias que recolocam as mulheres como principais responsáveis pelo trabalho de cuidado no âmbito familiar, na medida em que se apoia estruturalmente na desvalorização e na privatização do trabalho reprodutivo para manter baixos os custos da reprodução da força de trabalho. Em contrapartida às conquistas históricas dos direitos das mulheres, emergem formas ideológicas destinadas a reorganizar as relações sociais conforme as necessidades da classe dominante, de caráter patriarcal.

As formas ideológicas que se expressam na realidade promovem o ocultamento das contradições inerentes à relação entre capital e trabalho, de modo que as necessidades de acumulação são apresentadas como interesses universais e naturais. Assim, compreende-se que o fenômeno das *tradwives* não constitui uma simples tendência cultural ou uma escolha individual isolada, mas uma expressão ideológica funcional à reprodução das relações sociais no capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, a ideologia conservadora que circunscreve as chamadas “esposas tradicionais”, ao operar no plano da cultura e da subjetividade, reforça as condições necessárias à reprodução da

força de trabalho a baixos custos para o capital, evidenciando que a dominação sobre as mulheres permanece vinculada à dinâmica de acumulação capitalista.

No entanto, não se trata de um fatalismo segundo o qual a classe dominante detém plenamente todas as formas ideológicas presentes nas relações sociais, nem de que possui capacidade absoluta de obscurecer a realidade. A teoria social crítica marxista orienta que a análise do movimento histórico permite ultrapassar a aparência. A vida social é passível de transformações pelos sujeitos históricos que, ao se apropriarem da relação dialética entre teoria e prática, são capazes de romper com as formas ilusórias e de subverter a ordem dominante.

Referências

ALVES; Glaucia Lelis. SIQUEIRA, Luana de Souza. **Trabalho Reprodutivo: a superexploração de mulheres latino-americanas em debate**. In: Miradas acerca da América Latina: capitalismo dependente, crise estrutural e lutas sociais. [recurso eletrônico] / Leana Oliveira Freitas... [et al.] (org). – Rio de Janeiro: Telha, 2020.

ANDERSON, Perry. **Balanco do neoliberalismo**. In SADER, Emir; GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BHATTACHARYA, Tithi (org.) **Teoria da reprodução social**: remapeamento de classe, recentralização da opressão. Tradução Juliana Penna. – São Paulo: Elefante, 2023.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**; tradução Nélio Schneider. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

ESCORSIM NETTO, Leila. **O conservadorismo clássico** [livro eletrônico] : elementos de caracterização e crítica / Leila Escorsim Netto. – 1. ed. – São Paulo : Cortez, 2013.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens** / Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política : livro 1**: o processo de produção do capital / Karl Marx ; tradução Rubens Enderle. – 2 ed. – São Paulo:

Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. Organização de Álvaro Bianchi. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

PEREIRA, Máira Carvalho. **Mecanismos da opressão do gênero feminino: a interconexão entre produção e reprodução social**. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, v. 148, n. 3, 2025; Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.472>
Acesso em: 19 abr. 2026.

VOGEL, Lise. **Marxismo e a Opressão às Mulheres: rumo a uma teoria unitária**. Tradução da Equipe de Tradução do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social (GE-TRS). São Paulo: Expressão Popular, 2022.